2.ª SERIE. TOMO IV.

REVISTA UNIVERSAL LISBONENSE.

SCIENCIAS—AGRICULTURA—INDUSTRIA—LITTERATURA—BELLAS-ARTES—NOTICIAS E COMMERCIO.

COLLABORADA POR MUITOS ESCRIPTORES DISTINCTOS.

Redactor e Proprietario do Jornal — S. J. RIBEIRO DE SÁ.

NUM. 2. QUINTA FEIRA, 21 DE AGOSTO DE 1851. **11. ANNO.**

SCIENCIAS, AGRICULTURA E INDUSTRIA.

EXPOSIÇÃO UNIVERSAL DE LONDRES.

XX.

Objectos expostos por S. M. a Rainha de Inglaterra, S. A. R. o principe Alberto, e S. A. R. o principe de Galles, nas quatro secções do palacio da Exposição.

POR S. M. A RAINHA.

Em a nave principal do nascente. — N.° 98. Retrato de S. M., de tamanho natural, em busto, pintado em porcelana de Sévres por A. Ducluzeau, conforme um retrato por F. Winterhalter. Pintado em 1846.

97. — Retrato de S. A. R. o principe Alberto, de tamanho natural, em busto, pintado em porcelana de Sévres por A. Bezanget, conforme um retrato de F. Winterhalter.

Estes retratos são expostos por S. M. e o principe seu esposo, conjunctamente.

140. — O grande diamante de Runjeet-Singh, soberano de Lahor, o qual se denomina *Koh-i-Noor* ou montanha de luz.

Classe 30. *Secção das Bellas-Artes.* Cofresinho de joias no estylo do 15.° seculo, executado na manufactura de M. Henri Elkington em Birmingham, pelos desenhos de L. Grunner, Esquire. Esta caixinha de bronze doirado, prateado por electrotypia, é ornada de medalhões de porcelana contendo os retratos de S. M., do principe Alberto, e do principe de Galles, copiados das miniaturas de R. Thornburn, Esq.: as medalhas menores representando os profis de SS. AA. os principes e princezas, foram modeladas á vista do natural por Leonardo Wyon, Esq.

Classe 23. *Galeria central do Sul.* 350. — Meza folheada, doirada, e prateada por electricidade, producto da manufactura de MM. Elkington. A superficie da tabua desta meza é a reproducção, por meio do electrotypo, de uma peça da arte de ourives, verdadeira obra prima, copiada por M. H. Elkington sob a direcção do cavalheiro de Schlick. Os oito assumptos tratados em baixo-relevo representam Minerva, a Astrologia, a Geometria, a Arithmetica, a Musica, a Rethorica: a figura central representa a Temperança rodeada dos quatro elementos. Em baixo desta peça ha uma inscripção em honra do artista Os desenhos foram feitos por Jorge Stanton, artista ainda mancebo, empregado de M. Elkington, e alumno da eschola de desenho de Birmingham.

353. — Um berço de buxo da Turquia, lavrado por W. G. Rogers, segundo os desenhos de seu filho, symbolisando a união da casa real de Inglaterra com a de Saxe-Coburgo e Gotha. As armas da rainha, cercadas de ramadas, de flores, copiadas do natural, e de aves figuram n'um escudo central aos pés do berço. Na redouça correspondente ha esculpida uma cabeça, imagem da *Noite*, representada nas feições de uma formosa mulher adormecida, coroada de dormideiras, repousando sobre azas de morcegos, e rodeada pelos sete planetas.

O exterior da cabeceira do berço representa o brazão do principe Alberto, o escudo de armas occupa o centro, e entre os arabescos de folhagens que serpeiam veem-se as seis cimeiras com o motto em allemão, por baixo; no balouço está uma cabeça representando o *Somno* com a barba involta n'um veu que remata em cada ponta por um ramilhete de dormideiras.

Da parte de dentro da cabeceira estão grupados anjos da guarda; por cima tem a corôa real pousada em cama de folhagens. Os frisos e balaustres, que formam a porção mais importante do corpo do berço, são compostos de rosas, de folhas, de dormideiras, de borboletas, e de passarinhos; ao passo que por baixo está disseminada grande variedade de cravos esculpidos ao natural. As bordas e a parte interior são enriquecidas com insignias da realeza e emblemas do repouso.

Classe 24 — *Galeria central do norte* 1. 27. 20. — Um par de candelabros de cristal ricamente lapidado, de 8 pés de altura, levando cada um 15 velas. O fuste é composto de cristaes prismaticos, passando de quatro palmos e meio o comprimento. Foram desenhados e executados por F. e O. Osler, fabricantes em Birmingham, e em Oxford-Street n.° 44.

Classe 19. — *Galeria central do norte.* 1. 30. 156. — Um tapete de Axminster, desenhado por L. Gruner, Esq., e manufacturado em Glasgow por M. Dowbiggen.

379. — Um tapete de lã de Berlin, feito por cento

e cincoenta senhoras inglezas. Tem de comprimento 30 pés por 20 de largura; foi fabricado pelo seguinte modo: — o padrão originariamente desenhado e pintado pelo artista, foi subdividido em porções quadradas distinctas, que foram confiadas ás senhoras para o bordado; feita a bordadura, foram reunidos os quadrados para recompor o desenho, que além de rhomboides e de florões, contém emblemas heraldicos. As iniciaes das pessoas que concorreram para a feitura do tapete estão collocadas em ornatos que formam a bordadura exterior. As diversas partes do desenho são ligadas entre si por grinaldas ou fitas de folhagens, que partindo de um centro commum correm formando mil roscas caprichosas por toda a superficie do tapete. Uma commissão dirigiu todo este trabalho. Os desenhos são de M. J. W Tapworth; os padrões foram illuminados e executado o bordado sob a inspecção de M. W. B. Simpson.

Classe 19. — *Galeria meridional.* 15 *a* 17. 337. — Tapete de Axminster, executado pelos desenhos de L. Gruner, Esq., na fabrica de MM. Blackmore irmãos, em Wilton, por MM. Watson, Bell & C.ª

POR S. A. R. O PRINCIPE ALBERTO.

Transept ao sul 15. — Grupo de marmore figurando *Theseu e as Amazonas*, esculpido em Roma por J. Engel, natural da Hungria, alumno da academia real.

Classe 3. — 107 Tres especies de grãos colhidos nas quintas reaes de Windsor, a saber, trigo, aveia e feijões.

Classes 12 *e* 15. — *Avenida principal do poente.* — 500 Dois vestidos de brocado, manufacturados por T. Gregory e irmãos, em Shelf proximo a Halifax, Yorkshire: a trama é da lãa cachemira das cabras mandadas crear por S. A. R. no parque de Windsor.

Dois chales e uma amostra de panno forte fabricados por T. Haley e Filho, Bramley, proximo a Leeds. A materia prima provêm inteiramente da mesma lãa cachemira.

A lãa das cabras de Cachemira, de que estes objectos são fabricados, consiste em duas materias distinctas, chamadas lãa e *Kemp* (clina ou pello). A lãa é de grande belleza e muito macia ao tacto, e neste particular é sem duvida mui superior á mais bella lã de cordeiro do continente, e igual á do Thibet. O Kemp pela sua aspereza e inferioridade faria má vista até nos tecidos mais vulgares.

Logo depois da tosquia as duas lãas acham-se tão misturadas que parecem lãa grosseira da mais baixa qualidade, mas examinando-as de perto em breve se descobre que uma parte do producto é de qualidade superfina. Separa-se a boa da ordinaria, fevera por fevera, trabalho feito á mão porque ainda não ha maquina que o suppra, sendo tão difficil como fadigoso; uma pessoa não póde estremar mais de meia onça de lãa no espaço de doze horas.

Depois da escolha é necessario apartal a para fazer urdidura como na fabricação dos chales; mas, a pequena quantidade de lãa produzida não permittiu seguir-se este processo na manufactura dos chales expostos por S. A., que daquelle modo teriam sido muito mais lindos. Comtudo, obteve-se este resultado nos vestidos, cuja urdidura é de seda, sendo portanto precisa pouca lãa para a trama.

O panno grosso exposto é fabricado inteiramente dos cabellos duros ou Kemp separados das bellas feveras de lãa. O Kemp é geralmente reputado sem valor.

Classe 27. — 140 Um troço de carvão *parrot* em parte polido, das minas de West Wemyss.

141. — Um banco de jardim, feito pelos desenhos de L. Gruner, esq., por Thomaz Williams Waun, de carvão *parrot* extrahido das propriedades do contra-almirante Wemyss em Fifeshire.

Classe 30. — 350 Duas pranchas para mezas, de pedra do Derbyshire, lavradas segundo os desenhos do referido Gruner por M. Woodruff em Bakewell no estylo do XV seculo, imitando o mosaico de Florença.

351. — Candelabro no estylo do XV seculo desenhado por L. Gruner, esq., modelado por Ant. Trentanove, e executado á imitação de *giallo antigo* por L. Romoli.

Nos quarteis de cavallaria fronteiros á Exposição. — Casas modelos para as classes operarias demonstrando praticamente os melhoramentos que podem introduzir-se nas habitações dos trabalhadores. — Estes modelos construidos de tijolos foram desenhados por M. Henri Roberts.

POR S. A. R. O PRINCIPE ALBERTO EM NOME DE S. A. R. O PRINCIPE DE GALLES.

Avenida principal do nascente. 98. — Escudo offerecido por S. M. o rei da Prussia ao principe de Galles em memoria do baptismo deste, tendo sido S. M. prussiana o padrinho.

Os ornamentos pintados neste escudo, para o qual o proprio rei deu o risco geral, foram desenhados pelo doutor Pedro de Cornelio, e os ornatos de architectura pelo conselheiro Stuler. A execução das outras obras, isto é, de ourives, de esmalte etc. foi confiada a M. G. Hossauer, o trabalho de modelar a M. A. Fischer, o de cinzel a M. A. Mertens, e o de ornamentação lapidaria a M. Calandrelli.

No centro do escudo está a cabeça do Salvador do mundo. O repartimento do meio, cercado de duas linhas de ornatos é dividido por uma cruz em quatro repartimentos mais pequenos que contem representações emblematicas dos sacramentos do Baptismo e Communhão, com seus typos correspondentes tirados do Antigo Testamento, Moysés fazendo brotar agua do rochedo, e a chuva do manà. Nas extremidades dos braços da cruz estão figurados os quatro evangelistas escrevendo o que viram e ouviram da sagrada doutrina que devia communicar ás gerações futuras a salvação da humanidade, e verter as fontes inexgotaveis da revelação e da clemencia divina. Nos pontos extremos dos arabescos que circumdam os evangelistas veem-se as virtudes cardeaes, Fé, Esperança e Charidade, e a Justiça Christãa. Em toda a circumferencia do circulo estão os doze apostolos: S. Pedro fica immediatamente collocado debaixo da figura da Fé, e tem da direita e da esquerda S. Filippe e Santo André, por baixo da figura da Esperança está S. Thiago tendo aos lados S. Bartholomeu e S. Simão; debaixo da Charidade está S. João com S. Thiago Menor e S. Thomé, e abaixo da Justiça Christãa fica S. Paulo; á sua direita e esquerda estão S.

Matheus e S. Judas Thaddeu, dispondo-se a correr o mundo, para ensinar, baptisar, e propagar o reino do Redemptor.

O relevo que cerca a borda do escudo representa a traição de Judas, a Expiação do Salvador e a Ressurreição.

Outra porção reproduz a entrada triumphal de Christo em Jerusalem; a terceira a vinda do Espirito Santo, a pregação do Evangelho e a fundação da Igreja. O quarto repartimento contem uma allegoria do nascimento do principe de Galles e da visita do rei da Prussia por esta occasião, acompanhado pelo Barão Humboldt, o general von Natzmer e o Conde von Stolberg, e a sua recepção por S. A. R. o principe Alberto e o duque de Wellington.

Tambem alli ha um cavalleiro de S. Jorge calcando aos pés um dragão.

Esta bem trabalhada peça artistica denomina-se *o escudo da Fé;* e tem uma inscripção latina, cujo sentido é o seguinte: — «Frederico Guilherme, rei da Prussia, a Alberto Eduardo, principe de Galles, em memoria do seu baptismo celebrado aos 25 de Janeiro de 1842.

ASSOCIAÇÃO AGRICOLA DA EXTREMADURA.

Parece que finalmente vae cessar a falta, por nós tantas vezes apontada e lamentada, de uma associação agricola na Extremadura.

Algumas pessoas, convencidas da absoluta necessidade de acabar com esta vergonha nacional, sollicitaram e alcançaram do Governo a approvação dos Estatutos, que ao diante publicamos com a maior satisfação. Pesa sobre essas pessoas a grave responsabilidade de não deixar perder a grande idéa civilisadora, que se contém em taes Estatutos, que já alcançou a sancção de uma pratica util e honrosa na Sociedade de Agricultura Michaelense, que na situação em que está o nosso paiz bem se póde chamar associação modelo.

O patriotismo e a intelligencia dos seus fundadores nos offerecem garantias de que, em nossa opinião, levarão ao cabo um pensamento de tão incontestavel e directo proveito para os verdadeiros interesses de Portugal. O quadro ainda bem pouco animador do nosso estado agricola lhes offerece ampla margem para importantes trabalhos.

É verdade que o clima e o solo ajudam por quasi toda a parte a nossa producção agricola, mas tambem é verdade que apesar deste facto, ainda ha pouco importavamos cereaes: e é patente a todos os olhos que as nossas serras e estradas estão ermas de arvoredo — que os pastos artificiaes são apenas conhecidos — que os gados, primeiro elemento da riqueza agricola, e base da industria dos lanificios, póde-se dizer que ainda os não possuimos — que o fabrico do azeite, começa agora a sahir do estado primitivo e rude deste processo — que a creação do bicho da seda e o plantio das amoreiras, são como fontes de oiro que a nossa indolencia está esperdiçando.

Temos vinho e com abundancia, mas não devemos assentar exclusivamente a base do nosso regimen economico em um ramo, que até certo ponto póde depender da moda.

Devemos crear outros recursos que provenham das mais principaes necessidades da vida.

Falta-nos absolutamente a instrucção agricola. A todas estas faltas póde acudir em grande parte a projectada associação, á qual não póde faltar o auxilio de todos os homens que acreditam em que a civilisação em Portugal é um facto possivel — e o seu urgente desenvolvimento uma necessidade, que se não póde sem receio deixar de satisfazer por mais tempo.

Pela nossa parte julgamos um dever, e uma consequencia do que tantas vezes temos escripto. o saudar com verdadeira satisfação os Estatutos a que nos parece conveniente dar publicidade.

S. J. RIBEIRO DE SÁ.

Artigo 1.° A Sociedade de Agricultura estabelecida em Lisboa tem por objecto a solução racional de todas as questões de cultura pratica e de economia agricola, que podem interessar ao progresso effectivo em Portugal da primeira das nossas industrias.

Art. 2.° Para obter este fim, a Sociedade, logo que se ache definitivamente constituida, dividir-se-ha em tantas secções, quantas forem aquellas em que julgar, depois de constituida, dever dividir-se, attentas as especialidades da sciencia, e as circumstancias agronomicas do paiz. Os socios inscrever-se-hão livremente em cada uma dellas na conformidade das suas inclinações e estudos.

Art. 3.° Como meio essencialissimo para promover o gosto deste genero de applicações entre as classes estranhas á vida rural, a Sociedade terá desde logo em particular consideração a horticultura, e a jardinagem, secção ou secções em que poderão inscrever-se as senhoras que quizerem honrar a Sociedade com a sua cooperação.

Art. 4.° As secções reunidas constituirão a assembléa geral, que se reunirá infallivelmente todos os annos, desde 15 de outubro até 15 de novembro, épocha que se poderá alterar quando a assembléa o julgar conveniente. Uma mesa annual composta de presidente, vice-presidente, e dois secretarios, dirigirá os trabalhos da assembléa. Além dos cargos que formam a mesa, haverá um thesoureiro encarregado de receber e distribuir os fundos da Associação, na fórma dos regulamentos. A Sociedade, depois de constituida, supplicará a sua magestade el-rei, que acceite o titulo de seu protector perpetuo, não só como prova de consideração pela sua pessoa, mas tambem em attenção aos esforços que sua magestade tem empregado e emprega para promover o adiantamento de varios ramos de cultura.

Art. 5.° Cada secção será dirigida por uma commissão permanente de tres membros eleitos por ella no seu gremio. Destes o mais votado servirá de presidente, e os outros de assessores. As commissões reunidas, presididas pela mesa da assembléa geral, constituirão o conselho de administração. As condições de admissão de novos socios, a época da renovação das commissões, a fórma dos trabalhos das secções, quer separadas quer reunidas, as convocações das assembléas geraes extraordinarias, e todos os mais actos pertencentes á economia e desenvolvimento da sociedade, serão fixados pelo regulamento ou regulamentos internos. Pertencerá ao conselho de administração

a iniciativa destes regulamentos, que serão revistos annualmente na épocha da reunião ordinaria da assembléa geral, propondo o Conselho a esta as alterações que a experiencia tiver mostrado serem convenientes ou necessarias.

Art. 6.° A Sociedade empregará todos os seus esforços para que nas provincias se fundem associações agricolas, analogas a ella no objecto da sua instituição, mas perfeitamente livres, e com as quaes possa estabelecer uma correspondencia constante, da qual resultem luz e força para mais facilmente se obterem os fins patrioticos da Sociedade.

Art. 7.° A assembléa geral na sua primeira reunião fixará a joia que cada socio deve pagar, quer seja um dos fundadores, quer seja posteriormente admittido, bem como a quota mensal com que cada um delles ha de contribuir. Esta quota será, porém, fixada de novo cada anno na assembléa geral, que deve ser convocada de 15 de outubro a 15 de novembro.

Art. 8.° A Sociedade procurará obter por concessão do governo, por arrendamento, ou por outro qualquer meio legitimo, o uso de um ou mais terrenos aptos para nella ou nelles se construir um ou mais predios rusticos-experimentaes, onde se possam aferir pelas condições agronomicas do paiz as culturas e os methodos que a scieneia reputa em these como mais racionaes e progressivas.

Paço das Necessidades, em 2 de Julho de 1851. — *José Ferreira Pestana.*

EMIGRAÇÃO—ESCRAVATURA BRANCA—MOSSAMEDES.

Chamamos hoje a mais seria attenção do Governo e da imprensa sobre a importante carta, que ao diante publicâmos do nosso illustre e mui patriotico correspondente de Pernambuco o Sr. Antonio Bernardo Coutinho. O perfeito conhecimento dos factos aqui referidos, manifestado em toda a carta, e o credito que nos merece quem a escreve — são motivos que nos dispensam de accrescentar quaesquer considerações á eloquencia e verdade dos factos, que a carta perfeitamente prova.

14 de Agosto de 1851.

S. J. RIBEIRO DE SÁ.

(Carta.)

Sr. Redactor. — Pelo vapôr Paraense entrado hontem dos portos do Sul, recebemos jornaes do Rio, e nos do Commercio do dia 3 do corrente, vejo que entrara naquelle porto, vindo do Fayal, a escuna Milheiro 1.°, portugueza, capitão Manoel da Rosa Martins, com 35 dias de viagem, 3 passageiros, e 118 colonos!!! Para os quaes em o seguintes jornaes, se lê o seguinte annuncio. «A bordo da Escuna portugueza Milheiro 1.°, fundeada defronte da Prainha, ha colonos de ambos os sexos e idades para se ingajarem, entrados hontem do Fayal; trata-se com o capitão a bordo, ou na rua d'Alfandega n.° 39, sobrado.» Que bella maneira de trazer passageiros?! 121 passageiros em a escuna Milheiro 1.°!!! e ainda traz 16 pessoas de tripulação!!! Oh Sr. redactor não haverá meio de acabar com este infame trafico de escravos brancos? Veja o Sr. Ministro da Marinha o caso que as auctoridades fazem das ordens que se expedem pela repartição! Veja o Sr. Ministro do Reino, se este navio podia sahir sem o Governador Civil dar os passaportes! Veja o Sr. Ministro dos Estrangeiros, se os Consules, ou o Ministro portuguez no Rio, lhe deram parte deste, e de outros carregamentos, como eu lhe avisei, Sr. redactor! O governo que já pagou a despesa da primeira expedição desta provincia para Mossamedes, que sabe que por subscripção foi a segunda, e sabe que da Bahia foi outra que é terceira; a qual alli chegou em o dia 27 de Fevereiro, como logo eu mostrarei, com a copia de uma carta que d'alli vi; e deve saber que do Maranhão deve sahir outra; porque não olhará para as medidas que lhe cumpre tomar em tal conjunctura? Não terá alguma noticia favoravel daquella colonia, que faça publicar, e com ella animar aos que habitam em Portugal? Será preciso que, os que para alli foram para trabalhar, estejam fazendo relatorios das suas diligencias, e soffrimentos, para virem aqui aos seus amigos, pois para aqui é que todos elles tem mais relações, pela demora que já aqui tiveram, (depois que sahiram de Portugal) para então d'aqui os remetter-mos para Portugal, com dispendio de tempo, que ás vezes não temos sufficiente para este trabalho; despesa de portes de cartas, e obrigação em que ficamos para a imprensa ahi os publicar?! Quando o governo tem as suas auctoridades, que só pódem mais fielmente informa-lo, e o seu jornal aonde as fizesse imprimir; mas, qual a noticia que a tal respeito se encontra? Ainda não será tempo de se saber que resultado tem obtido a gente que do Brasil para alli tem hido; que progresso apresenta aquella colonia em agricultura, e por consequencia em commercio, ou de importação ou exportação? Eu pedi em cartas de 2 e 7 do corrente, estas informações a pessoas que idas d'aqui, sei que tem bastante curiosidade, mas que talvez não tenham tempo, e jámais poderão ter facilidade em as obter verdadeiras por falta de dados, que só as suctoridades possuem: como vou ter (pois já mandei assignar) todas as folhas de Lisboa e Porto, veremos se os particulares são mais cuidadosos do que o governo; e se com estas noticias, bem positivas, se convencem estes de irem para alli, digo estes, os que estão em o Brasil; e os que estão em Portugal, e que cá não devem vir, nem sahir de lá para fóra; a industria agricola, e fabril, deve ser o seu padre nosso constante; jámais emigrarem, seja para aonde for. Para provar-lhe a fortuna a que os conduzem os taes alliciadores que os seduzem, até espalhando dinheiro para os tentarem, (os agentes) o que tudo depois elles pagam, bem pago, quando chegam ao Brazil; vou copiar alguns annuncios, que constantemente se acham em os jornaes; o seu maior valor é todo o rigor da lei contra os que se retiram das casas para que são contractados; e contra quem lhe der asylo.

Eu ainda não pude comprehender como judicialmente isto se faz; vejo um rapaz de 14 annos que será levado aos tribunaes; já a causa se faz respeitar,

mas que horror nos não deve causar, quando vír-mos que a justiça concede mais direitos, ou melhores, a quem tem mais dinheiro, ou empenhos; e o que terá um colono, além dos seus algozes? Taes são os mesmos, que nos annuncios vai vêr, como tendo contractado com elle (que sabe o rapaz de 14 annos?) taes são os capitães que os trazem, que sabe-se como os tratam; taes são os consignatarios, e donos dos navios, e estes ainda em maior escalla. O contrabandista faz remessa a outro contrabandista, embora toda a giria da argumentação para se acreditar o contrario; ora o rapaz sahe da sua terra sempre enganado, salvo quando elle foge á farda, ou a algum crime, (ás vezes até amoroso;) chega ao mar, dão-lhe de comer e beber sempre miseravelmente, deshumanamente, barbaramente, por isso chega á vista de terra, levanta as mãos ao céo, e lança quantas pragas sabe proferir a quem é o culpado do seu tormento; imagina que elles estão findados, o que só mais tarde conhece que errou. Pois o mesmo que os alliciou, e enganou, ou o seu representante quer que elle lhe dê bem depressa o lugar despejado, e por isso o primeiro malvado que apparece pelos annuncios (que vão copiados) é homem honrado pela informação daquelle que o quer vêr pelas costas; e lá vai o contracto fazer-se com um rapaz de 14 annos, (sem ter quem lhe doa a sua ingrata sorte). Este honrado homem, mais velho, que contracta, já se vê que que hade saber amarrar a victima, para bem se recompensar da quantia que por elle paga aos taes protectores, que o foram buscar a Portugal para o felicitar; e segue a regra ordinaria; se tem escravos trata-os melhor do que o branco, pois que elles custam-lhe mais dinheiro, e se morrerem elle perde-o, quando a sua conveniencia é que elles vivam muitissimos annos; o branco é outra a conta, hade trabalhar muito e no peior, porque satisfeita a quantia, ou o praso do contracto, póde o diabo leva-lo, que elle já nada perde, e vai contractar outro desgraçado, ao qual succede outro tanto, e assim por diante. Nisto como em todas as coisas, ha honrosas excepções, mas muito poucas. A épocha da febre bem o evidenceiou, ahi foi publicado o relatorio da Sociedade de Beneficencia em o Rio de Janeiro, que bem se explicou, em quanto á conducta da maior parte dos patrões para com caixeiros, quanto mais para com colonos.

Qual é pois a situação do colono quando contracta? É a do maior gráo de escravidão, só a esperança da melhora o sustenta para encetar a mudança; mas elle fica obrigado a cumprir sempre mais do que rasoavelmente se podia ajustar, (dentro de casa) e se não tem valor para tanto, e foge, tem as penas da tal lei rigorosa, que elle só então sabe que o faz punir, mas que não lho disseram antes de embarcar em Portugal.

Qual é o negocio valido em Portugal sendo ajustado com individuo a quem a lei não conhece com a idade, e circumstancias precisas, para se julgar emancipado? Serão válidos os negocios feitos com rapazes de 14 annos?! Mas vê-se serem em o Brazil! Qual será o homem que se dignará fallar neste objecto em côrtes, ou em o Governo? Quando se porá termo a tantas vergonhas e barbaridades?! Quando se porá um destes barbaros alliciadores, armadores, (ou donos de navios), capitães, consignatarios, tripulações, Consules, Encarregado de Negocios, Governador Civil, Ministro de Estado, Capitão do Porto, ou de qualquer modo ou maneira culpado nesta vergonha e desgraça, n'um degredo por toda a vida, se não houver castigo maior?

Eu já lembrei, Sr. redactor, algum modo de reprimir, e até mesmo de extinguir este criminoso negocio; se alguma medida não apparecer para chegar áquelle fim, eu renegarei de me considerar portuguez, antes quererei ser mouro! Maldição eterna a quem assim abandona uma nação! Nunca mais se poderá permittir, que um individuo sem chegar á idade de se governar, siga do seu lar patrio para aonde acha tanta depravação; nem mesmo aos que já são homens se deve consentir, sem lhe mostrar o que por cá lhe succede, embora elle persista; e nesse caso siga ainda que para o inferno, jámais se poderá queixar e soffrerá para seu devido castigo. Como vai vêr ha de todas as idades e sexos, com todo o rigor da lei ameaçados.

Em jornal de 3 de Maio de 1851, lê-se: « Gratifica-se a quem aprehender ou der noticia na rua da Candelaria n.° 47, dos colonos seguintes: Francisco Machado Borges de 59 annos, Bartholomeu Corrêa de 28 annos, Alexandre Joaquim da Silva de 20 annos, e José Menezes de Oliveira de 19 annos, todas as idades prescriptas são provaveis, sendo o primeiro e o quarto naturaes da Ilha Terceira, o segundo e terceiro da Graciosa, todos chegados a este porto em 27 de Fevereiro do corrente anno, vindos da Ilha Terceira, na barca Brasileira Maria 2.ª, e se evadiram do deposito do Lazareto: o primeiro no dia 9 de Março, o segundo no dia 11, o terceiro no dia 18, e o quarto no dia 29 de Abril. O annunciante protesta desde já, e sempre com todo o rigor da lei contra os ditos colonos pelas suas passagens, e contra quem os tiver em seu poder. Rio de Janeiro de 2 de 1851. — João Lopes da Costa, affretador da barca Maria 2.ª

No jornal de 2 de Maio, lê-se o seguinte « Gratifica-se a quem aprehender ou der noticia, no largo do Carpim n.° 75, de um colono natural da Ilha Terceira, vindo para esta no patacho Visconde de Bruges em 7 de Janeiro, por nome João Ferreira, de 14 annos de idade, cabellos e olhos castanhos, arrastando a voz quando falla, tem muitas verrugas nos pés; o qual acha-se *contractado* a servir por um anno, e desaparecera no dia 29 do corrente, protesta-se com todo o rigor da lei contra quem o tiver acoitado. Rio 30 de Abril de 1851. — Dr. Paulo Costa.

Egual vem em o do dia 1, e no do dia 29 d'Abril, lê-se: « Fugio hontem 27 do corrente, da rua d'Assembléa n.° 24, uma colona vinda ha pouco tempo das Ilhas em o brigue Oliveira, por nome Jacinta Isabel, é baixa e cheia de corpo, com cara de quem bebe muito, e tem cabello cortado. Roubou uma porção de prata, joias, dinheiro em papel e prata, roupa, protesta-se contra quem a acolher, não só pelo resto da sua passagem na fórma da lei, como pelos objectos roubados, e gratifica-se a quem della der noticia. — Antonio José Baptista Bastos.

Faço-lhe remessa, Sr. Redactor, deste impresso que incluo, para egualmente fazer vêr a essa gente, que depois de tão penoso tirocinio, se algum destes martyres chega a adquirir alguma coisa, e quer ganhar a sua pataca, tem pela frente as sentenças que

nelle apparecem; será talvez de bom effeito o verem, que cá consentem que venham portuguezes, só para se empregarem em a agricultura, ou talvez consintam que elles façam fretes; pois para qualquer outro emprego, não querem; vejam que querem que se prohiba que tenha loja de alfaiate, sapateiro, ourives, ferreiro, marceneiro, funileiro, carpinteiro, etc., se não pagar uma licença annualmente de 800$000 rs. a 2:000$000 rs., o que acho muito a proposito; e em todo este projecto só falta dizer que fica livre de morrer das febres; no entanto tem uma virtude este projecto, assim como os seus auctores, que é serem bastantes em numero para fazer executar aquelle (quando por lei) e dizerem com bastante antecedencia, para se estar prevenido com tempo. Eu julgo que isto merece ser ahi publicado em letras bem visiveis, para ser bem visto por quaesquer curtos da vista; e para mais rapidamente chegar ao conhecimento dos que não sabem lêr, dar-se aos cegos, para elles apregoarem; e até aos rapazes das cautellas, visto o muito que elles transitam e gritam. No entanto, aqui se appresenta a somma dos portuguezes chegados em o mez de Março ao Rio de Janeiro, 787, aos quaes se lhe dá o pomposo nome de escravos brancos.

Eu, Sr. Redactor, vou em romaria a qualquer Santo que goze de muita fé, para lhe mostrar o quanto eu fico agradecido, quando estes Srs. fizerem voltar os navios que taes carregamentos trazem, pelo mesmo caminho, com todos os taes passageiros; e mais me contentarei se o capitão ficar preso, e o consignatario, ou dono, ou affretador tiver um degredo por toda a vida, e em logar em que possa durar pouco tempo com vida; não peço que seja morta qualquer pessoa, porque entendo que esta attribuição só á natureza compete, em os casos mesmo mais graves que se conheçam; porque, pela qualidade de crime, nenhum mais revoltante eu encaro, do que o dos taes Srs. donos, affretadores, e consignatarios dos mesmos navios. Cumpre todavia mostrar que são tambem navios brazileiros, que se empregam em ír buscar os taes escravos brancos, para virem tirar aos mesmos brazileiros os logares no commercio; o que é falta de patriotismo, e elles não devem commetter, para se poderem queixar dos portuguezes; pois se me queixo é só dos portuguez, que cá os trazem, para elles contratarem aos 14 annos. As cartas que seguem são as que eu copiei, e notei acima.

(Continúa.)

PARTE LITTERARIA.

A MOCIDADE DE D. JOÃO V.

ROMANCE.

Capitulo II.

MAIS VAL SÓ QUE MAL ACOMPANHADO.

Depois do episodio da esmola o padre procurador e o devoto acolyto ficaram callados, um defronte do outro, alguns instantes. As sobrancelhas do Sr. Thomé das Chagas, ora subiam á raiz do cabello, ora baixavam a tocar nas capellas dos olhos, o que neste digno cavalheiro significava que reflectia no caso, não percebia nada, e desejava muito perceber. Fr. João scismava carregando na ruga frontal, e brincando com os pollegares um em roda do outro. Era o seu gesto usual, quando compunha.

A final o andador arremetteu ás suas duvidas com denodo, expelliu da garganta o pigarro matutino, e com a vozinha doce como pastilha e arrastada como perguiça do Brazil, continuou o dialogo, interrompido pela sua jaculatoria ás almas.

—«Com que—disse em tom insinuante—V. Rev.^ma^ julga que o papel não tem cura, e é obra...»

—«Dos herejes, dos christãos novos, dos inimigos de Deus e da sua gloria. Digo, creio, e affirmo, irmão Thomé»—respondeu Fr. João irado.

—«É muito, padre mestre. Atrever-se esta gente.... Jesus! E então no Desembargo do Paço.... Bem rosna o povo, e no fim de tudo, é elle que tem rasão. Lá de cima, donde se espera o exemplo vem o peccado! Estamos perdidos, devoto S. Domingos da minha alma!

Mas Fr. João dos Remedios já o não escutava. Distrahido voltou-se com impaciencia, foi direito ao homem do tinteiro, poz-se diante delle sem o vêr, e abrindo a provisão leu-a a meia voz, fazendo-se a cada linha mais corado do que uma romã. Thomé das Chagas cuidava entretanto, que o padre mestre estava dictando e que o outro servia de seu escrevente; por isso não fez maior reparo, e entrou a scismar tambem, olhando para as barcarolas dos çapatos com a mesma complacencia, com que o perú ha de olhar para as pernas do pavão.

Quem estava em braza era o homem do poial, victima innocente da hermeneutica do procurador, que plantado a dois passos delle lhe tirava a luz, e lhe fazia ainda em cima voar o papel, com o vento da capa, que o frade estava a traçar com impeto repetidas vezes.

Por fim o pobre homem, desenganando-se, poz-se de pé, cortejou o seu algoz com ar supplicante, e disse-lhe com certo requebro:

—«O padre mestre dá licença? Sou poeta de casa do Sr. Duque, e amigo intimo.... do escudeiro particular de S. Ex.^a^ Sahi de casa e vim até aqui por arejar, e para vêr tambem se

acho a chave de um soneto, que se me engasgou na segunda quadra. . . . Agora mesmo. . . . »

De tudo isto apenas chegou aos ouvidos do frade absorto a penultima palavra. Nem sequer via aquelle homem roliço, curtinho, flexivel, e todo cortezias, que de pé, em quarta posição de dança, e bocca cheia de rizo, o comprimentava, meniando o chapelinho amaçado, do modo mais obsequioso do mundo.

— « Agora? — atalhou o aerio frade, cuidando que respondia ao irmão Thomé. — Agora! Sabe o que se póde fazer? »

— « Sei, sim Sr.; agora segue-se acabar o meu soneto, ouvir a minha missa, e ir almoçar do que Deus nos dá, se V. Rev.^{ma} não ordena o contrario. . . . »

O poeta, estava um arco dizendo isto; tinha o braço na mais elegante curva, e o pé lançado airosamente com toda a galla da corte, esperando talvez uma cortezia, e o campo livre em resposta; mas se esperava illudiu-se.

— « *Opus et oleum perdidi!* » — exclamou elle, ouvindo o frade pagar os seus primores com a mais secca e impertinente interjeição.

— « Hum! » — exclamou Fr. João dando aos hombros, e mudando de posição. Desta vez ficou de todo ás escuras o poeta.

— « V. Rev.^{ma} perdoará, mas, como tive a honra de lhe dizer, medito um poema, um soneto. Prouvera a Deus que me visse livre delle!... Tem conceito e consoante obrigado. . . . Mas na verdade estou prégando aos infieis; o padre nem vê nem ouve; e o peior ainda é que pegou de estaca defronte de mim. E esta! »

— « É caso irremediavel. » — proseguia Fr. João, passeiando sempre do mesmo lado e fallando alto ao pé do poeta.

— « Que tal! Irrremediavel! mas veja, Reverendissimo, tenha consciencia. Deita-me a perder — gritou o magarefe de methaphoras com grande impaciencia. — Irremediavel é só a morte. Deixe-me V. Sapiencia dois minutos vêr a Phebo, o divino Apollo por alguns chamado Hypérion, e se consultando com elle eu não achar a rima. . . . »

— « Não acha nada, não tem sahida. . . . . — replicou Fr. João absorto. — Digo-lhe que não ha sahida. — Não é capaz. . . . »

— « Pois sustento eu que sim, que ha, e que sou capaz; e tanto sou que já achei. . . . ouça o padre. . . .

Temendo ser enfadonho,
Agora os sonhos envio;
Sendo que foi *desvario*....

Fr. João parecia escutal-o attento.

— « Então? Que me diz o Rev.^{mo}? É magnifico, optimo, não? O que foi o sonho senão o que são todos os sonhos: — erros do capricho, cuidados da alma, cathalogos da memoria, e enganos da idêa? Logo o que são sonhos? Desvarios! E o que é desvario? Sonho, perfeito sonho. Eis aqui *secundum artem* como o seu creado Bernardo Pires achou o mais engenhoso conceito e a mais opulenta rima. . . . Mas isto succede só a quem bebe do fino em Aganippe como hei de provar na dedicatoria, que servirá de postilhão a Appollo. . . . »

E o modesto cultor das Musas, no enthusiasmo do seu triumpho, amarrotava de gosto as calças imperiaes, largo e impertinente anachronismo a que o condemnava a bolsa; e com a outra mão sacudia pela manga o nosso padre procurador, que tendo o indece curvado diante da bocca, em ar de quem apanha uma idêa vadia, o fulminou com um furibundo — « deixe-me! »

— « O frade não está em si, o frade viu bixo — resmungou o poeta descontente. — Que demonio de homem! Que o deixe? Mas é inverter as rimas. Eu é que morro porque elle me desassombre a mim. Não se irá este espantalho daqui? Ao menos, Rev.^{mo} — gritou com força — livre-me da sua capa, por todos os Sanctos do Paraizo! É o manto de Niobe, é a noite da imaginação, é o carcere das Musas. . . ora graças a Deus, foi-se. Por lá o tenham bastante tempo, que não deixou saudades.

Sendo que foi desvario...

Veremos se fecho entretanto a quadra. »

Na abstracção o padre procurador deixando o poeta em paz, foi esfregando a testa e abrindo a caixa do tabaco, procurar o seu primeiro pouso. Alli tomou a sua pitada de amostrinha, sorvida de vagar e em tres tempos, escorvou e carregou o nariz, e recolhido o lenço na manga, tocou na tampa da caixa o rufo do costume com os dois dedos da mão direita. Foi então que de todo cahiu em si, e olhando deu por Thomé das Chagas de joelhos e braços abertos á porta da igreja, com a bandeja das almas e o nicho de S. João adiante de si.

Mas o padre mestre tinha necessidade de desa-

fogo, e o andador das almas servia-lhe de vaso para expectorar as iras.

— «Thomé, irmão Thomé!» — chamou o reverendo impaciente.

— «Estou á primeira missa, meu padre. Ahi vou aos pés de V. Rev.^{ma}....»

— «Ande. Tenho que lhe dizer. Irá logo da minha parte á rua da Calcetaria, a casa de Diogo de Mendonça com uma carta.... Quero por fim saber!.... Esta provisão não é natural. Tractam de metter o alvião aos cunhaes do nosso convento; tentam arrazal-o pelos alicerces....

— «Santa Maria, Mãi de Deus, orai por mim peccador! — gritou o irmão das almas desenroscando de um impeto a sua eterna pessoa. — Deitar a baixo uma Babylonia destas, quem é o impio?...»

— «Thomé das Chagas, V. mercê excedeu-se. Ao convento do nosso padre S. Domingos chama Babylonia? Lembre-se que era a cidade da profanação, a mãi dos vicios, e veja o erro que disse. Não responda. Sei que o não fez por mal: peccou venialmente....»

— «Mea culpa, mea maxima culpa! Prometto duas coroas a Nossa Senhora e uma estação ao Santissimo, mais o jejum de pão e agua Sexta feira....»

— «Está bom, está bom. Não é preciso tanto. Gosto de o vêr devoto e com temor de Deus. Está absolvido. Tornando ao que lhe ía dizendo: esta gente não descança em quanto não subverter tudo. Atiram de longe á Inquisição, porque tem medo de se chegar; mas em nós se vingam e por nós começam. *Inde irœ!* A Ordem dos Prégadores primeiro, e o Santo Officio depois, eis o plano. No fim mettem-se de dentro como na Universidade e nas eschólas, como em toda a parte, segundo o costume delles.»

— «Perdoe-me padre procurador, mas eu não creio. Pois ha hereje capaz de tirar os autos de fé ao povo, uma consolação tão grande aos fieis de Christo....»

— «Por isso mesmo! O amor do povo enfurece-os; por elle sobre tudo é que aborrecem mais a Inquisição. Da primeira vez foi o padre Antonio Vieira quem traçou o projecto. Deus lhe tenha perdoado! Ficaram mal é o mesmo; renovam. Enganaram-se da primeira vez? Não importa; emendam desta o golpe.... A que horas estará levantado Diogo de Mendonça?»

— «Com as seis o acha V. Rev.^{ma} ao bufete.»

— «E são?»

— «Isto são sete horas, o muito. Mas daqui á Calcetaria ainda é um bocado.»

— «Não importa, esperemos as oito. Digo-lho eu, Thomé das Chagas, o ultimo cometa não appareceu debalde. Prognostica mortes, guerras e ruinas. Veremos aonde tudo isto ha de ir parar! Metteram o reino nesta guerra por causa do allemão....»

— «Do archiduque, segundo diz el-rei de França?»

— «Do rei catholico, D. Carlos III, segundo diz em Portugal el-rei D. Pedro, e em Londres os seus amigos herejes....»

— «Bem mo prognosticou hontem a santinha da tia Perpetua das Dores, dando-me a beijar o rozario, depois do terço — Thomé, filho, encommende-se muito a Deus. O Ante-Christo corre ás soltas por Hispanha, e de Hispanha a Portugal não é senão um pulo.»

— «Coitada da serva de Deus. Oxalá que assim como ella houvesse muitas! Mas a culpa disto sabe de quem é? Esta provisão ha de se dizer que foi feita no Terreiro do Paço. É falso; não foi. Donde veio, e quem a dictou foram os padres de S. Roque. É obra da Companhia de Jesus.

— «Pois não ha temor de Deus? Padre mestre, esses herejes são da Companhia de Judas, e não da de Jesus. Mereciam, Deus me perdoe! que lhes queimassem as roupetas na fogueira, e os entaipassem vivos no Santo Officio.»

— «Thomé. Não diga isso...»

— «Digo e affirmo. E ao Desembargo da mesma maneira. Eu cá arrastava-o de carocha e sanbenito ao primeiro auto de fé.»

— «E o presidente da mesa tambem?»

— «Porque não? Reverendissimo quem acompanha com herejes, hereje é.»

— «O Duque de Cadaval, D. Nuno Alvares Pereira, meu senhor? Exclamou o poeta que á bocado roia as unhas de desesperação, interrompido pelo dialogo. — Não é no presidente do Desembargo do Paço, no Duque meu amo, que o mochilla deste gato pingado põe a bocca excommungada? Ouçamos o colloquio. Segundo parece, promette muito.»

— «Thomé das Chagas — observou Fr. João que se tinha rido da justiça musulmana do digno milagreiro — sabe que mais? Se o ouvisse alguem de casa do Duque, ou de S. Roque, V. mercê não via sol nem lua na cadêa. Tome um conselho. Falle menos e respeite mais os padres da Companhia e o Duque de Cadaval.

— « Salva não fosse a minha alma, padre mestre, se eu deixasse de fazer o que disse. Jesuitas, Desembargadores, e judeus, que são todos o mesmo, levava-os de sociedade até ao auto da fé... Quanto ao Duque, oiço rosnar, que está sendo alma e correio dos herejes; e apesar de dizerem que elle é esmoler e temente a Deus, cá para mim sei, *que nem tudo o que luz é oiro*... De El-rei não admira, depois da doença, anda-lhe a cabeça á roda... »

— « Ah mofino judas! Sezões te peguem — rugio o poeta exacerbado. — O que aquelle salafrario desenrola! Felizmente apanhas-me de papel e penna. Os padres da Companhia e o Desembargo ao lume. Bem! Cá escrevo. O Duque meu amo alma e correio de herejes. Não tem duvida; cá assento. Em fim El-rei, nosso senhor, que Deus guarde, maluco, ou pouco menos, pois lhe anda a cabeça á roda. Fica registado. Deixa estar meu Longuinhos, chupado das bruxas, que vais dar um par de voltas á roda da forca. Deito já a correr para o palacio. Nós veremos, deixa estar! »

E o nosso poeta, assentando o chapéo sobre a cabelleira com o punho, arrancou a trote para o Paço do Duque, com a espada a bater-lhe nas barrigas das pernas, e as abas da ampla casaca, enfunadas ao vento. Ia aos pulinhos, e cantarolava em voz esganiçada estes maus versos hespanhoes:

> Non dirá mi Señor Padre,
> Si es de menor sentimiento,
> Ver muerto al dueño querido
> Que ver-lo en poder ageno.

Nem o Sr. Fr. João, nem o virtuoso Thomé, o viram atravessar a praça, porque o primeiro olhava ha bocado para um velho, que estava alli perto fallando com um soldado, e o segundo passava miuda revista a todas as peças do seu mealheiro. Assim o nosso Bernardo Pires escapou ás reflexões dos dois respeitaveis inqueridores; e qual outro Orestes, vexado das furias, foi depositar no seio do escudeiro, seu amigo, os segredos, que lhe enchiam o coração de fel.

Entretanto o padre mestre não tirava os olhos do velho; e este a passos lentos tambem se aproximava cada vez mais da portaria, conversando sempre com o soldado. A vista do reverendo exprimia assombro e uma especie de terror; o seu espirito lutava com a memoria; excessivamente abertos e sem pestenejar, os olhos do theologo não largavam o recem-chegado, estudando-lhe feições e gestos com uma tenacidade incrivel; via-se que o Procurador de S. Domingos duvidava e cria ao mesmo tempo; observava-se que lhe subia do coração á bocca um nome, mas que temia illudir-se julgando impossivel existir ainda a pessoa, a quem pertencêra. Eis a causa da sua curiosidade, se era só curiosidade o sentimento que o agitava.

Fr. João, por fim, não se poude ter, e foi direito aos dois homens, que naquelle momento chegavam justamente ao cruzeiro do convento. O Sr. Thomé, apesar de ser bem pouco feminino em tudo, herdara de nossa mãi Eva boa dose do peccado original, e tinha terriveis cocegas de escutar quanto se passava á roda da sua veneranda pessoa; o Sr. Thomé, pois, como verdadeiro discipulo da devota Perpetua das Dôres, a melhor bruxa golhilheira do seu bairro, foi-se aproximando pé ante pé, com passadas de lã, e ouvido á lerta, para tentar fortuna. O focinho piedoso do santarrão dava ares do focinho do gato, quando fareja a presa, e cosido com o chão faz a policia da sua gula, para que não lhe escape a ceia. Mas por mais cauteloso, que se mostrasse, o nobre Thomé perdeu o melhor da scena. Peccou, talvez, por excesso de prudencia! Á sua chegada, já estavam concluidos os preliminares da conferencia, e o padre mestre, benzendo-se e chorando de alegria, já apertava nos braços com o maior extremo, o mesmo velho espigado, rijo, e esperto, que lhe causára tamanha sensação apenas o vira. O Andador das almas foi, por tanto, constrangido a contentar-se com a parte menos interessante da peripecia. O Procurador de S. Domingos estava perguntando ao seu amigo Philippe da Gama como alli viera ter direito.

— « Eu t'o digo em duas palavras — respondeu este. Para se ir bater á porta duas cousas são precisas — ter casa e saber aonde ella é. Com mil demonios! Eu estou fóra ha doze annos, e sem noticias pelo menos ha sete completos. Quem tem bocca vai a Roma, diz o rifão, mas esta Lisboa não é Roma, é uma loba; e um homem não póde andar por ella toda a perguntar á gente que vê: « faz favor, dá-me noticia do sujeito da capa parda? » Por tanto, puz-me a scismar, e eis o que fiz. Lembrou-me o meu antigo amigo Fr. João e o seu convento; se não deu ainda os fios á teia, ninguem melhor sabe ensinar-me a casa. Se morreo, paciencia! Talvez algum dos frades possa valer-me neste apuro. Vim por isso direitinho como um fuso ao Rocio. Na rua dos Ourives vejo um homem parado e pergunto-lhe:

«conhece o padre Fr. João dos Remedios da ordem de S. Domingos? «Que resposta cuidas, que me deu o excommungado?

« *What do you say?* »

Era inglez! Safei-me. Entro na rua dos escudeiros, acho outro estafermo embasbacado para uma porta, pergunto o mesmo, e diz-me:

« *Whas verlangensie!* »

Era allemão. Caspite! Pernas para que te quero. Já bem azoado chego ao Rocio, e descubro um soldado, fallo-lhe, e chapa-me

« *Che siete voi per capo di Caio Mario?* »

Fiquei varado! Por fortuna passava aquelle soldado portuguez ou gallego, que não sei ainda o que é, e com um boticão arranquei-lhe meia duzia de palavras, que o maldito vendeu a tostão cada uma...

Dize-me Fr. João, isto é Portugal, ou que demonio é? O que anda por cá cheirando tanta gente de todas as nações?»

—«Veiu na armada dos alliados, e está chupando a olha da panella portugueza. Edificam a Torre da Asneira, e fazem a confusão das linguas, como vês. Vamos ao que importa. Já almoçastes?»

—«Estou em jejum natural.»

—«Então vamos á minha cella. Temos muito que fallar, e em quanto almoças saberás noticias...»

—«Haja methodo, Fr. João. O homem não vive só de pão. Minha mulher?»

—«Está bem. Inconsolavel com a tua perda, e chorando seu marido como deve e elle merece.»

—«Obrigado, Fr. João, muito obrigado. São favores! Com que escapou á magoa da minha morte aquella santa creatura? Ainda bem. E as pequenas?»

—«Louvado seja Deus, estão lindas como duas perolas. Somente a mãi queixa-se de que acha a mais nova um tanto leve da cabeça. Verduras da idade.»

—«Está feito! E onde está ella?»

—«Quem, Cecilia?»

—«Sim homem, a mais nova.»

—«Metteu-a a mai em Santa Clara no mosteiro; a vêr se educada lá assentava da cabeça. A mais velha, tua filha Thereza, tem muito juizo e vive com tua mulher em caza do commendador, do tio della, homem honrado, bom catholico, e menos mal de bens da fortuna.»

—«Hum! ora muito me contas. Famoso! Veremos tudo isso.»

—«Não tens mais pressa do que eu. Almoças e vamos logo.»

—«*Meno furia*, Fr. João, como diria o homem de *Caio Mario.* Uma ressurreição não é obra grossa que se leve assim de uma corrida. Isto da gente sahir da cova e apparecer á familia, é pouco sadio... Não quero desgraças. Demos tempo ao tempo. O peior está passado.»

—«Já não digo nada, Philippe. Tu o lês, e tu o entendes.»

—«Está claro. A proposito, disse Philippe, virando e revirando o chapeo aprezilhado e guarnecido á antiga — podes dizer-me se minha mulher tomou estado em segundas nupcias?»

—«Ora essa! Uma Senhora virtuosa e recolhida!.. Deus te perdoe. Pois se te digo que ainda não deixou de chorar a tua falta.»

—«Ahi mesmo é que a pulga morde. Não gosto de fontes de lagrimas, nem mesmo da que ha em Coimbra... mulher que chora muito seu marido, é porque procura outro. Acredita-me. E se diante do segundo chora o primeiro, quer-lhe metter ciumes. Ah, ah! Entendo, agora entendo; o tio, o Commendador, que especie de homem é? Aposto que ainda não fez quarenta annos, e que choram ambos a minha morte, em sancta paz?»

—«E eu sem te perceber! Tens razão. Põe mais quarenta e acertas a idade do Commendador.»

—«Oitenta annos?»

—«Exactos. Pois, atreves-te a suppor?»

—«Fr. João, nada de juizos temerarios! Visto continuar viuva minha mulher, e ter oitenta annos o Commendador, mudo de opinião. Em almoçando vamos de passeio tomar posse. Servirei de procurador aos meus fallecidos direitos.»

—«Então estás bom da molestia?»

—«Fr. João o que dizem as obras de misericordia? Consolai os tristes e visitai os enfermos. Vou consolar os tristes.

—«Ainda bem, ainda bem. Mas almocemos primeiro. Espere-me Thomé, que eu não tardo. Tem de levar a carta, que lhe disse, á Calcetaria.»

—«Sim, Reverendissimo.»

O padre subiu depois para a cella com o seu

amigo Philippe, e o nosso andador, depondo o seu devoto nicho de S. João, plantou-se á porta da igreja, caçando as esmolas dos fieis, que iam sahindo, ou que vinham entrando. O seu ar compungido e focinho penitente eram um iman abençoado, que nunca deixava de atrahir a piedade das beatas, sobre tudo a das velhas e jubiladas.

Neste momento, o homem, que no capitulo antecedente deixámos escondido com tanta cautella, atraz da pilastra do primeiro arco, sahiu do seu pouso a furta-passo, torceu pelas costas do milagreiro, e pondo-lhe de leve a mão no hombro, disse com grande suavidade.

— « Irmão Thomé, *pax Christi!* »

Uma cobra, levantada aos seus pés de repente, não fazia dar ao andador das almas tamanho pulo, como elle deu, nem o obrigava a virar-se logo com tanto sobresalto. Aquella era a saudação usual da Companhia de Jesus; restava saber se tambem seria Jesuita quem a dava. Era! A palidez do Sr. Thomé não se enganava. Via diante de si a fatal roupeta.

O Jesuita mostrava setenta annos; os cabellos eram raros e brancos como neve, naquella cabeça, que tinha a puresa e a poetica inspiração dos mais bellos typos do apostolado, como os concebeu o pincel dos grandes mestres. . . Alguma cousa curva, a sua estatura, apezar disso, parecia elevada e magestosa. Segundo se via, a idade carregando sobre ella, e ainda mais talvez os trabalhos do que a idade, inclinavam a fronte para o chão, como a arvore antiga se descahe do tronco e quebrando-se, a pouco e pouco vem beijar a terra: mas nos momentos de ardor religioso, ou de enthusiasmo vivo, a fronte do Jesuita, sabia aliviar-se do pezo, e sacudindo os annos como Lazaro o seu sudario, era capaz de se levantar orgulhosa e firme, de um impeto juvenil, pondo no céu a vista, a esperança, e o pensamento, e doirando-se nestas occasiões de um resplendor particular.

As rugas, cruzavam-se na testa, cujas entradas altas iam perder-se nas raras madeixas prateadas, que se annellavam, acompanhando o rosto, cujas feições nobres eram sobre o comprido, cujas faces eram desmaiadas da palidez usual nos que, vivendo de mais a vida do espirito, trazem estampados no rosto os cuidados da intelligencia. Ainda bellos, eram pequenos, mas expressivos os seus olhos. Meigos no repouso do animo, e um pouco tocados daquella doçura transparente, que sabe afiar a vista e enturval-a, para ferir ou esconder, podiam illuminar-se, querendo, e reflectirem nas chamas concentradas ou em relampagos terriveis ás vezes, toda a eloquencia da paixão, da cholera e da amizade. . . Nestes momentos, pouco vulgares, era uma transfiguração completa: remoçava-se a phisionamia, apagavão-se os signaes da idade, o corpo crescia magestoso, a cabeça pousava-se erecta, os olhos ardiam mais e diziam tanto, como os do mancebo mais novo na existencia e mais forte nos trabalhos.

Ninguem tão simples e affavel como o padre; os seus braços estavam sempre abertos para todos; o sorriso dormia e accordava com elle; o coração, morto para o rosto, e a alma sem espelho na vista, se gemiam ou se allegravam, era dentro de si mesmos, longe do exame e da indiscrição dos homens. Aquella face passiva e risonha; aquella voz igual e sem paixão; aquelle olhar transparente e sempre tão fundo que não deixava entrever um segredo, eram abysmos aonde perdia o estudo e a analyse o observador mais sagaz. A vontade fazia o poder do jesuita; e á força de vontade, para vencer os outros, principiou vencendo-se a si. Nunca o semblante humano foi uma mascara tão perfeita; nunca ninguem, antes ou depois, soube escravisar mais despoticamente o espirito e a materia.

Só uma coisa não sabia occultar : — o genio! Poucos seriam mais humildes, e apezar disso, e talvez por isso, era tal a dignidade do seu porte, as suas maneiras respiravam tanta grandeza, daquella que vem de Deus; e mesmo serena e de proposito apagada, a sua vista raiava com tanto poder, que sem o conhecerem, quantos o viam inclinavam-se em espirito diante delle, advinhando um desses homens, que são potencias da terra por ordem e lei da intelligencia, como os reis pelo direito do sangue e do nascimento.

Ao andador das almas foi o que succedeu. Apenas o encarou, e viu fitos nos seus os olhos do jesuita, dizendo tanto e parecendo inertes, apenas sentiu aquelle sorriso fino descer-lhe do rosto á alma, e tocar-lha no mais intimo, a mão posta de leve pareceu-lhe que pesava no seu hombro como uma torre; e abysmado passou logo de roxo a azul, e de azul a cor de enxofre; em dous segundos a cara prodigiosa do santarrão parecia um arco iris na variedade dos cambiantes. Entretanto sua paternidade não lha dizia mais do que isto:

— « Filho, vi dalli e ouvi tudo. Sabe, que gostei muito do seu modo? V. mercê foi bem,

foi optimamente. Quer dar-me uma palavra?»

Porque o seguiu o Sr. Thomé sem resistencia, mudo como um defuncto, e cambaleando como um ebrio?

Porque a Companhia de Jesus era aquelle padre. Impenetravel nos designios, suave nas fallas, mas terrivel nas obras!

L. A. REBELLO DA SILVA.

(Continúa.)

NOTICIAS E COMMERCIO.

Tempestades e inundações. — Noticias de Strasburgo na data de 3 do corrente referem que as aguas levaram a ponte de Renchen, e derribaram outra na linha do caminho de ferro de Baden: a planicie contigua parecia um vasto mar.

No dia 31 de Julho foi arrastada pela violencia da inundação a formosa ponte de pedra construida ha poucos annos entre St. Nazaire, e St. Jean-en-Royans. O phenomeno denominado tromba ou manga de agua foi causa da cheia do rio la Bourne. As obras da ponte haviam custado dezeseis contos de réis.

De Lyon contam que as chuvas que tinham cahido em torrentes nos ultimos tres dias de Julho e no primeiro de Agosto nos departamentos do Rhodano, do Drome, do Jura e do Isère e outros circumvisinhos: todos os rios transbordaram e as alluviões causaram consideraveis estragos particularmente abaixo de Lyão. A população desta cidade teve grandes sustos á vista do extraordinario engrossamento do Rhodano, mas por fortuna as aguas começaram a baixar na manhã do dia 4, e a mudança do tempo desvaneceu as ameaças de perigo. As duas margens do rio, abaixo da mesma cidade, soffreram gravissimos prejuizos; os terrenos mais chãos alagaram-se; as médas de pão foram levadas das eiras; os campos de batatas e de outras raizes ficaram assolados.

O Guiers fez muitos damnos; inundou toda a planicie de St. Laurent du Pont, e destruiu completamente a estrada de Fourvoirie. Em Voiron o Monge tambem sahiu do alve-o mas felizmente não causou extraordinarios prejuizos. — Em Voreppe a maior parte das prezas foram arrazadas pela cheia. Custou inauditos esforços recolher o Roize ao seu leito nos sitios onde appresentava maior risco. Em Allevard numeram-se muitos desastres: o Breda engrossado pelo derretimento das neves e geleiras das serras derrocou e levou na torrente uma casa e duas fabricas no 1.° deste mez; em a noite desse dia para 2 todas as prezas e pontes foram arrazadas, e ás seis horas da manhã derribou os edificios todos de uma fundição, despejando os armazens de ferro e carreando as maquinas.

Vaulnaveis estava inteiramente inundada, perdendo-se muitas casas. O Isére subia doze palmos acima do seu limite ordinario.

Da Suissa não são melhores as noticias quanto á irrupção subita das aguas. Cahiram excessivas chuvas nos dias 31 de Julho, 1 e 2 de Agosto: vieram acompanhadas de um vento quente, que os habitantes chamam *fohn*, e que soprou com violencia pelos Altos-Alpes, occasionando nas geleiras (*glaciers*) um derretimento de neve fóra do costume: todas as correntes que tem origem nas regiões alpestres entumesceram-se de um modo prodigioso, e attingiram as aguas tal altura que não ha memoria de lá terem chegado.

Os districtos banhados pelo Aaar e por sens afluentes, no cantão de Berne, são os que mais padeceram; sobre tudo o Oberland bernense, região magnifica e picturesca que os estrangeiros frequentam muito na estação actual, ficou assolado. A maior parte das pontes levou a cheia; e na que atravessava de Unterseen para o logarejo de Aarmuhle muitas pessoas perderam a vida. É incalculavel o damno em searas e outras colheitas e nos edificios.

O flagello não foi menos desastroso no paiz de Valais. No cantão de Friburgo havia trinta annos que não se via inundação similhante. Ha perdas muito consideraveis no cantão de Schwyg e n'outros mais. — O lago dos Quatro-Cantões elevou-se a um nivel tal que as vagas invadiram a porção mais bonita do povo de Fluelen.

No reino de Wurtemberg e no grão ducado de Baden causou avultados perjuizos a mesma calamidade. Até os ribeiros se converteram em torrentes: tal era a abundancia das chuvas e a violencia do temporal. Os caminhos de ferro soffreram bastante ruina.

Apparição. — Na manhãa de 13 de Maio ultimo um fazendeiro dos arredores de Harwich passava por uma eminencia dentro de suas propriedades, e captivou-lhe a attenção uma leve nuvem ou especie de neblina, de notavel apparencia e perfeitamente circular, elevando-se lentamente do valle proximo. Resplandecia o sol, e como aquelle vulto surgia no espaço aereo, com a mesma fórma, parecendo-se muito ao circulo luminoso que se vê deredor da lua, reparou o homem que a nuvem continha uma circumferencia interna muito mais pequena, mas bem traçada, contendo como dentro em moldura uma figura humana de dimensões colossaes.

Cumprimentou o spectro, que retribuiu a cortezia logo que lhe foi dirigida. Depois seguiu para diante alguns passos, e voltando ao mesmo logar, achou a sombra sempre visivel, continuando a saudar e a imitar todos os movimentos delle observador, prova evidente de que era a reproducção da sua propria imagem naquella nuvem.

Esta apparição é identica pelo seu aspecto e fórms ao famoso espectro de Brocken na cordilheira do Hara no reino d'Hanover; tem de mais os accessorios dos circulos luminosos de que não encontramos menção nos viajantes alemães. Bem entendido que a grande differença das alturas deve necessariamente fazer mais pequeno este espectro do que o alemão; mas, nem por isso deixa de ser um phenomeno Interessante aos olhos da sciencia.